

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE  
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)  
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA (ABI)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. Permitida a cópia. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

WAINER, Samuel. *Samuel Wainer I (depoimento, 1996)*. Rio de Janeiro, CPDOC/ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA (ABI), 2010.

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CPDOC/FGV e ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA (ABI). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**SAMUEL WAINER I  
(depoimento, 1977-79)**

## *Ficha Técnica*

tipo de entrevista: temática

levantamento de dados: Equipe

pesquisa e elaboração do roteiro: Equipe

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

data: 1977 a 1979

duração: 2h

fitas cassete: 02

páginas: 27

Esta entrevista é parte integrante de uma série de entrevistas do acervo da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), realizadas entre 1977/1979 e doadas ao CPDOC em 15/08/1996. O entrevistado foi fundador, editor-chefe e diretor do jornal Última Hora.

temas: Ademar de Barros, Café Filho, Censura, Getúlio Vargas, Governo Getúlio Vargas (1951-1954), História da Imprensa, Imprensa, Jornalismo, Liberdade de Imprensa, Política, Última Hora

## Sumário

Entrevista: cerca de 1977 a 1979

**Fita 1-A:** A imprensa brasileira como fonte de informação: breves considerações; o “caso Café Filho”: comentários acerca das implicações políticas decorrentes da traição de João Café Filho a época do segundo governo de Getúlio Dornelles Vargas (1951-1954); o “pacto” protagonizado por Adhemar de Barros e Getúlio Vargas em 1950: relato das negociações que levaram a indicação de Café Filho ao cargo de vice-presidente da chapa de Getúlio; menção ao pedido de Vargas para que buscasse uma aproximação com Café Filho; considerações sobre a relação de Getúlio e Café Filho no momento da campanha presidencial; revelação da opção preferida de Getúlio para ocupar a vice-presidência: o general Góes Monteiro; comentários acerca das possíveis implicações de uma quebra indevida de sigilo por parte do entrevistado durante a campanha presidencial; impressões acerca de Vargas.....p. 1-12

**Fita 1-B:** Relato da escolha dos ocupantes do Ministério após a eleição de Vargas: as negociações entre este e Adhemar de Barros; referência à solicitação de Vargas para que se encontrasse com Carlos Cirilo Júnior do Partido Social Democrático (PSD), na tentativa de buscar o apoio deste partido e barrar as pretensões de controle do cargo de Ministro da Fazenda por Adhemar; longas considerações sobre o jornalismo e a profissão de jornalista; relato de sua trajetória no jornalismo: do “jornalzinho de colégio” à *Última Hora*, passando pelos periódicos *Revista Contemporânea* e *Diretrizes*; observações acerca da censura à época de *Diretrizes* (1938-1944); considerações sobre Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo e a cadeia *Diários Associados*; relato da relação pessoal com Getúlio Vargas: origens e características; menção à ideia da criação do jornal *A Última Hora*; longas considerações a respeito deste periódico.....p. 12-20

**Fita 2-A:** Análise da trajetória do jornal *A Última Hora*: de Getúlio a João Goulart; relato do dia em que Adhemar de Barros anunciara que não seria candidato a presidência da república; considerações sobre a entrevista realizada com o general Canrobert, ministro da Guerra à época; comentários sobre a eleição de Getúlio Vargas e a tentativa da UDN (União Democrática Nacional) de impedir sua posse; a elaboração de uma “entrevista” – a pedido de Alzira Vargas e João Neves da Fontoura – com Vargas a fim de garantir a sua posse, reduzindo o impacto do movimento udenista.....p. 20-27.

Fundação Getulio Vargas

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)

Projeto: Associação Brasileira de Imprensa (ABI)

Entrevistado: Samuel Wainer

Local: **São Paulo – SP**

Entrevistador: Wianey Pinheiro

Transcrição: Maria Izabel Cruz Bitar

Data da transcrição: 29 de novembro de 2009

Conferência: Vanessa Matheus Cavalcante

Data da Conferência: 24 de fevereiro de 2010

*Entrevista:* [1977 – 1979]

S.W. – A imprensa, no Brasil, é uma fonte para a história do país das mais importantes. Talvez não exista, em outros países, ou em poucos outros países existirá uma fonte com essa riqueza. Por quê? Porque, em verdade, ao povo brasileiro sempre faltou acesso a outras fontes de informação – faltou-lhe escolas, bibliotecas, livrarias, livros culturais –, então o jornal, no Brasil, passou a ser até instrumento de cultura, o que nos outros países está há muito tempo superado e o jornal é um instrumento de informação e de orientação.

Por isso mesmo, vou relatar, nesse dossiê sobre a imprensa, um episódio que me parece que a imprensa brasileira não registrou com a devida importância e que poderá servir como subsídio para a história do trágico e agitado período do retorno de Getúlio Vargas ao país. História essa em que tive, acidentalmente, como repórter, uma participação notoriamente larga e profunda. É um episódio que, embora não seja inédito, ele é produto final de uma série de reportagens que realizei na ocasião. Ele é a história condensada, com o mínimo de detalhes possíveis, de o que representou a traição de João Café Filho, o vice-presidente de Getúlio Vargas, nas eleições de 1950.

A atitude de Café Filho durante os trágicos dias que precederam o suicídio de Getúlio em 1954, em agosto de 1954, contribuiu decisivamente para quebrar a sua possibilidade de resistência e, possivelmente, levá-lo à sua trágica decisão do suicídio. E mais grave

ainda: ao assumir o lugar ainda manchado pelo sangue de Vargas no Palácio do Catete, Café Filho repudiou o programa comum que os havia eleito presidente e vice-presidente da República e convocou para o seu lado, como membros do seu ministério, alguns dos inimigos mais figadais, não só de Vargas ou do processo democrático brasileiro, especialmente no campo da sua revolução trabalhista.

Ao lado de Café Filho, tomaram assento no ministério: o velho Raul Fernandes, o protótipo da UDN mais reacionária, advogado das grandes empresas internacionais; ao lado de Café Filho, tomou assento a figura, embora simpática, mas notoriamente ultraconservadora, de Juarez Távora, inimigo tradicional de Getúlio Vargas; ao lado de Café Filho, sentou o Sr. Clemente Mariani, representante dos setores mercantilistas mais notoriamente ligados à finança internacional no país. O fato de Café haver entregue o seu governo aos adversários diretos de Getúlio e do que Getúlio politicamente representava ainda é mais acentuado pela circunstância de o seu ministro da Justiça, o bravo cearense Seabra Fagundes, não haver resistido à pressão do ministério mais de uma semana e ter renunciado ao ministério no dia em que o próprio sr. Carlos Lacerda, que não ocupava função oficial nenhuma, abriu as portas do gabinete presidencial e interveio numa reunião ministerial e participou da mesma. Seabra Fagundes, que é hoje uma das expressões mais altas do movimento judiciário do país, relatou isso publicamente e, em consequência, pediu demissão do governo para o qual havia sido convocado.

Em verdade, a reportagem do chamado “caso Café Filho” começa num dia tranquilo e claro de março de 1950, quando um Douglas DC-3 descia às portas da Fazenda do Itu, no Rio Grande do Sul. Os pampas eram um aeroporto natural. Os aviões podiam descer e sair da fazenda em que Getúlio havia se expatriado já há mais de dois anos sem que ninguém tomasse conhecimento. Como repórter próximo a esse setor, a essa cobertura...

W.P. – Na época, Samuel Wainer, você trabalhava para que jornal?

S.W. – Eu era repórter dos Diários Associados. Depois de haver ocupado outras funções nos Diários Associados, como editor, retornei à reportagem. A época a que me refiro é, precisamente, a de princípios de março de 1950, poucos dias ou poucas semanas antes da chamada data da desincompatibilização. Naquela época, qualquer político que

ocupasse um posto executivo tinha que se desincompatibilizar três meses antes, para se tornar candidato a presidente da República. E Adhemar de Barros era candidato a presidente da República. Naquele avião, ele fora discutir, debater e tentar com Getúlio um acordo. Mas ele teria que se desincompatibilizar em abril, um mês depois, e teria que saber se poderia ou não contar com o apoio de Getúlio para a sua candidatura a presidente da República, uma das aspirações mais profundas do Adhemar.

Tive a oportunidade de ser o único repórter presente a esse encontro histórico. Do avião de Adhemar saíram, o acompanhando até a sala em que Getúlio os esperava para o almoço, já marcado de véspera, o seu principal conselheiro, Erlindo Salzano, figura muito conhecida na história política de São Paulo, um homem de profundas convicções espiritistas e que exercia sobre Adhemar uma grande influência pessoal, e desceu também um senhor com uma roupa civil muito desajeitada, com um chapéu marrom mal colocado sobre a cabeça, que se apresentou como Sr. Esteves. Ele era nada mais, nada menos que o famoso general Estillac Leal, então comandante da região de São Paulo e o mais popular dos líderes militares do Exército brasileiro na época e que vinha testemunhar o acordo entre Getúlio e Adhemar. Vinham outros personagens do *entourage* do Adhemar, mas no avião vinha um famoso político gaúcho, que deixou a história pelo seu romantismo, chamado Danton Coelho, aquele que Getúlio chamou de... apelidou-o, quando deu um autógrafo em um retrato, de “o amigo certo das horas incertas”, um grande romântico, amigo do grupo do Oswaldo Aranha, que vinha ser uma espécie de consolidador desse provável pacto que iria ser assinado entre o então Partido Social Progressista [PSP], do Adhemar de Barros, e Getúlio Vargas, tudo visando a sucessão do general Eurico Gaspar Dutra, então presidente, em 1950.

O encontro se prolongou durante o dia todo, até que, em um certo momento, a fim de que houvesse tempo de o Adhemar voltar no mesmo dia para São Paulo, fosse assinado o famoso pacto popular de Getúlio com Adhemar de Barros. Esse pacto foi gravado – a gravação, naquele tempo, era feita em disco – e tenho a impressão que (esse disco) deve estar nos arquivos da Rádio Tupi, que era dos Diários Associados. E eu levei gravado esse encontro.

Por esse pacto popular, Adhemar de Barros renunciava secretamente à sua candidatura em 1950, em troca do compromisso solene de Getúlio em apoiá-lo na sua sucessão, em

1955. E como um dos fatores, como um dos elementos de segurança do compromisso a ser firmado, ficou concordado que Adhemar indicaria o vice-presidente da chapa de Getúlio. Houve outros detalhes de que eu não me recordo no momento, salvo os de que, ao que me parece, no ato de assinatura do pacto, Getúlio, em um gesto tipicamente seu, bem-humorado e tranquilo, ofereceu a caneta a Danton Coelho, seu amigo, para que assinasse o pacto em seu nome, dada a participação histórica que ele, Danton, tinha tido na preparação desse acordo político que iria mudar os destinos do Brasil, com essa campanha.

Adhemar percebeu perfeitamente a malícia, mas, velho político, soltou um dos seus conhecidos e bem audíveis palavrões, mas engoliu em seco a manobra, porque ele sabia que, no fundo, o que iria ditar os destinos dos dois era muito mais os fatos do que a simples assinatura de um papel que não tinha outra força senão a liderança popular que eles representavam.

W.P. – Era um pacto onde ninguém concordava com ninguém?

S.W. – Olha, não era um pacto onde ninguém concordava com ninguém, mas todos aceitavam as condições inevitáveis que o momento político impunha. Adhemar não podia ser candidato a presidente da República. Ele não podia deixar a presidência de São Paulo, o governo de São Paulo, porque ele já tinha, na sua ilharga, um vice-governador posto especialmente para traí-lo no momento em que ele deixasse o governo para ser candidato a presidente da República.

W.P. – Quem era esse vice-governador?

S.W. – Era o Sr. Novelli Júnior, precisamente, genro do presidente Eurico Gaspar Dutra. E era notório que, se Adhemar saísse do governo, se desincompatibilizasse para se candidatar a presidente da República, o mesmo vice-governador desencadearia uma tal perseguição sobre Adhemar que, possivelmente, terminaria em processos ou, eventualmente, prisões ou até exílios. Adhemar era prisioneiro do seu próprio governo. Foi só por isso que ele aceitou Getúlio, porque ele sabia que, no curso de cinco anos, os acontecimentos tornariam de tal forma frágil aquele acordo que ele o aceitou, jogando

com as eventualidades. E uma delas foi, então, o seu candidato a vice, que Getúlio aceitou porque o vice-presidente da República, na ocasião, não tinha maior importância.

W.P. – Quem foi esse vice indicado por Adhemar, Samuel?

S.W. – Não me lembro precisamente se o vice indicado por Adhemar... Ou foi naquele famoso encontro secreto, de que resultou o chamado Pacto de Itu, ou se foi pouco depois, mas o nome dele, que se tornou público algum tempo depois, foi João Café Filho, um típico político da época, medíocre, de naturais raízes populares, um homem do Rio Grande, onde havia ocupado uma vaga de chefia de polícia na Revolução de 30, com uma tendência populista, com vagas tintas esquerdistas, por ser um intelectual, e mais ainda: pesava contra Café Filho uma dramática oposição da Igreja. Porque ele não era católico; ele era de origem luterana, um presbiteriano, daquelas famílias nordestinas pobres. Então, a sua candidatura fora condenada pela então Liga Eleitoral Católica, o que, dado o caráter um pouco agnóstico do povo brasileiro, até aumentou seu prestígio eleitoral. Porque na época, quando a Liga Eleitoral Católica condenava um político, ele era eleito. Isso deu a Café Filho ares de oposição, a posição que a Igreja tomou contra ele.

E inclusive, quando veio 1937, o golpe de Estado de 1937, ele era deputado eleito pelo Rio Grande e fez lá uma oposição relativamente inexpressiva, mas, assim mesmo, se exilou na Argentina por um certo tempo, ganhando, portanto, contornos de uma liderança popular. O que fez com que Adhemar argumentasse com Getúlio que a candidatura de Café seria um elemento a mais para dar base popular à sua candidatura, caso Getúlio conseguisse ser candidato. Porque Getúlio ainda não sabia se poderia ser candidato, no momento em que assinou o pacto, pela oposição a ele que moviam as Forças Armadas e pelos elementos que se compunham para impedir a sua candidatura.

E lembro-me que Getúlio, sem qualquer referência direta à personalidade de Café Filho, ele teria dito que era o contrário, que a popularidade dele, Getúlio, bastava para ganhar, que ele precisava de um candidato a vice que lhe garantisse a posse, mais do que os votos, porque não lhe faltariam votos. Mas Adhemar insistiu. Mas era, realmente, a única forma de ele ter, ao lado de Getúlio, um homem sem desprestigiar o seu partido, que era o Partido Social Progressista.



W.P. – Se não tivesse sido Café Filho, quem Getúlio teria escolhido para vice, esse homem que lhe daria o respaldo para tomar posse e não os votos que ele por si só conseguiria?

S.W. – Aí entra uma das histórias, um dos episódios mais importantes da história do Brasil e que eu tenho a impressão que, realmente, ou é conhecido por muito pouca gente ou, talvez, até praticamente não mencionado até agora. Passam-se os meses e, uma noite, quando eu estou com Getúlio Vargas em Vitória, no Espírito Santo, de volta da campanha no Nordeste – campanha que começou no Rio em 12 de **[julho]**<sup>1</sup> de 1950 –, quando já voltávamos, para o final da campanha, Getúlio me chamou para um canto para me pedir um favor pessoal, porque eu era o único repórter que acompanhava a sua campanha, e também **[inaudível]**, **[salvo]**<sup>2</sup> um repórter oficial, da Agência **[de Imprensa Oficial]**<sup>3</sup>. Com ar relativamente preocupado, depois de um imenso comício em Vitória – estava se aproximando o fim da campanha, porque de Vitória, Getúlio voltaria por São Paulo, Paraná e Rio Grande –, ele me pediu que eu me aproximasse mais do Café Filho, com quem eu tinha relações pessoais, e criasse um clima de maior cordialidade com o Café. Pois, em verdade, desde o momento em que nós saímos para a campanha, em que o avião de Getúlio saiu para a campanha presidencial, que foi em julho de 1950, para o Nordeste, o Café comparecia ao lado de Getúlio em numerosos palanques e o Getúlio não fazia a menor referência, não trocava palavras com ele, salvo as cordiais. Demonstrava abertamente a sua hostilidade e a sua antipatia pessoal pela figura de Café Filho. Mas, provavelmente, esperava uma solução.

A solução, ao que parece, teria sido um candidato militar à vice-presidência, que ele, Getúlio, desejava. Porque o que ele realmente mais temia – e o que praticamente quase ocorreu – era que a sua eleição fosse considerada um ato de revanchismo contra o Exército que o havia deposto em 1945, e um vice lhe daria a estabilidade necessária para um novo **[inaudível]**. Nessa noite, Getúlio me revelou quem seria o seu vice-presidente. Seria o mais inesperado de todos: seria o general Góis Monteiro, uma figura mitológica do Exército brasileiro – foi o chefe militar da Revolução de 1930 ao lado de Getúlio e foi o militar que maior influência exerceu na vida do Exército brasileiro e na

---

<sup>1</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

<sup>2</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

<sup>3</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

vida política brasileira até 1945, conhecido por sua loquacidade, conhecido por seu temperamento extrovertido, um militar de formação, da clássica formação francesa do Exército Brasileiro, altamente culto. Góis Monteiro era uma figura realmente mitológica do Exército brasileiro. Ele exercia uma grande influência intelectual sobretudo sobre o general Dutra, o ministro da Guerra. E uma das razões que fez com que nunca fôssemos à guerra é porque, possivelmente, temiam a sua inteligência. Este é o homem que Getúlio tinha convidado para ser seu vice e que quase foi presidente da República por duas vezes e não conseguiu ser. Era a sua grande ambição. Ele deveria ter sido o presidente da República em 1945, quando ele foi um dos elementos decisivos da destituição do próprio Getúlio. A história narra isso em muitos detalhes.

W.P. – Samuel, nesse episódio em que Getúlio ia escolhê-lo para seu vice, Getúlio não tinha em mente o fato passado, de 1945, quando ele foi um dos elementos que o depôs?

S.W. – Getúlio se caracterizava, principalmente, por aquela famosa frase da filosofia política getulista: esquecer e não perdoar. Getúlio não guardava ressentimentos políticos de espécie alguma. Procurava não ter. Ele não perdoava o seu adversário. Ele sabia [inaudível]. Mas em política, ele não jogava com a memória. Isso é conhecido. Além do mais, o Góis foi, realmente, um grande amigo dele, porque fizeram juntos a Revolução de 1930. Góis foi um dos fatores-chaves, talvez o principal, do golpe de Estado de 1937. Porque o general Dutra não era um homem que se distinguisse nem pela sua inteligência nem pela sua cultura. O Góis era o líder intelectual do Exército brasileiro. E o Getúlio conhecia as suas ambições de presidência. Getúlio inclusive sabia que, se Góis viesse a ser vice, ele possivelmente procuraria tomar o seu lugar. Mas ele o conhecia, ele sabia como manobrar com ele e ele buscava essa cobertura militar, que deve ter sido produto de longas conversas no curso da campanha, de conspirações, as quais Adhemar de Barros, terminantemente, cortava de todas as formas, insistindo que, se Getúlio não aceitasse Café, ele o deixaria. Foi um gesto de habilidade do Adhemar. E, possivelmente, Adhemar teria influenciado junto a Góis para não aceitar. Porque também o Adhemar sabia que, se Góis Monteiro aceitasse, ele jamais seria presidente em 1955 e o presidente seria, certamente, Góis Monteiro.

Era todo um jogo de sutilezas, de emissários, no meio de uma campanha que incendiaria o país, e na qual eu estava envolvido como repórter e já um pouco como confidente de

fatos que, na ocasião, não podiam ser noticiados, a pedido de Getúlio – o que também ocorre, muitas vezes, com o grande repórter. E eu recomendo muito que jamais o repórter falhe à confiança da sua fonte. Pela ânsia de um furo, muitas vezes, você perde o fundamental: a confiança da sua fonte. E, realmente, pelo que eu participei na vida política brasileira, eu posso me considerar um repórter completo, não tanto pelo que eu publiquei, mas por muita coisa que deixei de publicar e que resultou depois em **[inaudível]**.

W.P – E no caso presente, eventualmente, uma quebra de sigilo poderia significar um tempo de violência, de...

S.M. – Significaria, possivelmente, dada a autoridade que eu tinha tomado, significaria talvez até o desvio da campanha para outros fins, ou a interrupção da campanha. Poderia ter todas as consequências. No caso do Brasil, é impossível prever, é imprevisível. O fato é que eu não me lembro se a história se espalhou na ocasião, e Getúlio, pela primeira vez, me falou categoricamente que o general Góis Monteiro não poderia aceitar a candidatura. E o general Góis Monteiro era um homem com quem eu também tinha contatos pessoais, eu poderia ter confirmado isso. E, circunstancialmente, a mudança de atitude de Getúlio Vargas com Café Filho, a sua solicitação para que eu me aproximasse mais, que eu fizesse a relação pública. Porque o Café se retirou da comitiva de Getúlio em um certo momento e passou a fazer campanha sozinho, porque, evidentemente, o ambiente de hostilidade era tão notório que prejudicava a campanha. E só quando chegamos em Ponta Grossa, onde eu assisti a um dos mais violentos comícios da minha vida, pela violência, pela exaltação getuliana curitibana – dava medo de ficar naquele palanque –, é que, pela primeira vez, isso depois de Getúlio já estar quase 40 dias em campanha, se aproximando do Rio Grande para encerrá-la, é que ele falou o nome do seu companheiro de chapa, “o meu companheiro Café Filho, aqui presente, em quem peço que votem”. Eu senti que naquele momento havia... E Getúlio não era homem para conceder, a não ser em discussões estritamente... E naquele momento Getúlio tinha feito uma concessão extremamente importante e cara para ele, pela sua expressão, uma expressão melancólica que estava visivelmente expressa em Getúlio. E Café Filho, naquele momento, **[inaudível]**.

Passam-se os anos... E eu tenho um episódio para mostrar até que ponto Getúlio dava ao poder o respeito. Getúlio tinha uma austeridade, um comportamento, tinha uma dignidade no poder que era uma coisa extraordinária. Todo mundo conhece isso. Além de que dificilmente você se aproximava mais de dez metros, apesar do seu ar extremamente acolhedor – ele era agradável, sempre sorridente.

Lembro-me até que uma vez, em uma festa de carnaval, em um baile de carnaval no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, foi feita uma foto do Café, que era um homem deslumbrado com o poder, um homem medíocre, subitamente [**inaudível**] com tudo, entre duas vedetes de teatro, aquelas fotos clássicas de carnaval, e o Joel Silveira, que era repórter do *Última Hora* teria feito uma legenda, vamos dizer, maliciosa. Foi uma das poucas vezes que Getúlio me pediu algo em relação à *Última Hora*: pediu mais respeito para o vice-presidente da República, tal era a autoridade que ele tinha. Talvez ele até tivesse, nesse meio tempo, adquirido por Café Filho um pouco mais de consideração, um pouco mais de comunicação.

E no curso do tempo, nada indicava que o Café estava sendo envolvido por outra, vamos dizer, determinante que não a de preparar a sucessão – de Adhemar para substituir Getúlio. Ocorre então o episódio muito importante com...

[FINAL DO ARQUIVO 1-A]

S.W. – ...que me indicou, aqui em Campos de Jordão, que me deu a sensação de que, naquele momento, o pacto já havia terminado. Getúlio, já eleito presidente da República, volta para tomar posse...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

S.W. – Getúlio me chama uma noite, em Campos de Jordão, já presidente da República, escolhendo o ministério, e o Adhemar, o dono da casa, o anfitrião. A tal ponto o Adhemar era desinibido, era uma pessoa extremamente... sem grandes limitações de ordem social, uma pessoa... [**inaudível**] a sua grande simpatia, que o governador eleito de São Paulo era o Lucas Garcez e o Adhemar não permitia a Lucas Garcez, o governador eleito, que assistisse às negociações que ele fazia com Getúlio para a

formação do novo ministério. Lucas era um homem simples, era um professor da Escola Politécnica, que fora eleito 26 dias antes, com o Getúlio. A campanha foi um acidente – ele não era para ser candidato a governador. E uma noite... A luta pelo ministério era intensíssima e o Adhemar cobrava caro: o Adhemar quis (o Ministério da) Guerra e o Getúlio lhe deu, através do general Estillac Leal. Mas o Estillac não era extremamente seguro para o Adhemar, porque o Estillac era um líder militar ligado à ala de esquerda do Exército e que deveria ter posições que se encontravam muito mais com o Getúlio do que com o Adhemar, apesar de ser um grande amigo do Adhemar. Ele foi um grande general. Foi o último general de esquerda. Adhemar queria o (Ministério do) Trabalho, para poder ter o controle sobre a massa trabalhista, e Getúlio deu ao Danton Coelho, que era muito vinculado ao Adhemar por amizades, laços e negócios, mas que também tinha por Getúlio o afeto de um [candidato]<sup>4</sup>, de um grande amigo.

Então, o Adhemar fechou a questão em torno do Ministério da Fazenda. Naquele tempo, dizia-se que quem dominava o Ministério da Fazenda e o Ministério da Guerra governava o país. Aí o Getúlio teve que manobrar. O Adhemar quis, para o Ministério da Fazenda, o Sr. Ricardo Jafet, da família Jafet de São Paulo, tio do nosso atual Paulo Maluf. Era uma pessoa muito boa, de bom nível moral, mas que não tinha condições políticas para ser o ministro da Fazenda no primeiro governo popular, nacionalista que o país ia possuir. Era um homem de bom nível, um industrial, um grande empresário. Getúlio então negou, resistindo a Adhemar.

Já naquele tempo, a reportagem o acompanhava em toda parte, portanto, eu tomava conhecimento mais dos fatos no sentido, muitas vezes, confidencial, e não jornalístico. Isso despertava um pouco de ciúme e incomodava um pouco aos colegas, que jamais aceitaram a posição que eu havia assumido. Eu tinha passado de repórter a porta-voz, portanto, era fácil. E eu não tinha interesse, muitas, vezes, que as notícias fossem divulgadas. Mas elas vinham a mim primeiro, porque eu tinha feito uma campanha. Há dois anos que eu estava acompanhando Getúlio.

Getúlio me chamou, me relatou esse episódio, também muito pouco conhecido, que a Fazenda ele não daria, que Guerra e Fazenda, ele não teria condições e que seria muito alto o preço do Café Filho, foi a expressão dele, e me pediu que eu tentasse localizar

---

<sup>4</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

alguém do PSD, o chefe do PSD em São Paulo na ocasião, o líder, que era o famoso deputado Cirilo Júnior, que, em São Paulo, tem uma grande tradição política – naquele tempo, todo político era uma raposa [inaudível] – para que o ministério fosse reivindicado pelo PSD. Então, não ficaria nem com o PTB e nem com o PSP e o Getúlio teria o apoio do PSD, o que era uma grande manobra, especialmente entregando à alta finança local o Ministério da Fazenda, e daí saiu como candidato o deputado Horácio Lafer, que depois se tornou ministro das Relações Exteriores, da família Klabin de São Paulo. Ele foi o nome aceito, contrariando virtualmente o Adhemar, porque o Adhemar tinha perdido a segunda base do esquema que ele estava montando para assumir o controle [inaudível].

Nesse dia, no fim da noite, Getúlio me chamou e me perguntou se havia tempo ainda de encaixar uma pequena notícia na primeira página do *Diário de São Paulo*, que era o jornal líder da cadeia dos Associados aqui. Naquele tempo, as comunicações telefônicas eram difíceis, falava-se com mais dificuldade de Campos de Jordão para São Paulo do que hoje para Paris. Mas ele considerou de maior importância e que eu tentasse tudo. A notícia dizia o seguinte, que ele, Getúlio Vargas, havia sido convidado, era hóspede do governador Adhemar de Barros em São Paulo, onde fora recebido com todo o carinho – porque ele teve uma votação extraordinária em São Paulo –, e que ele, Getúlio, como hóspede, recebera o menu que o seu anfitrião oferecera e que esse menu, composto com um condimento em que prevalecia a participação de Café Filho na vice-presidência, nem de todo era do seu agrado, mas que o ministério estava constituído com os condimentos que o seu anfitrião havia colocado, exceto o Ministério da Fazenda, que também era de um paulista e, portanto, também [inaudível], e que, portanto, ele, Getúlio, considerava que a partir daquele momento, contrariando certas regras de hospitalidade, ele pagara a conta ao seu anfitrião e estava quite de qualquer outro compromisso. Daquele momento em diante, sentia-se que Getúlio tinha se desvinculado das suas ligações com a vice, com o Café, também.

A nota dada por mim na primeira página do *Diário de São Paulo*, não atribuindo diretamente a Getúlio, mas como uma confidência colhida, em verdade, a partir já daquele momento, antes ainda de tomar posse, já as incompatibilidades entre Getúlio e Adhemar, que eram tradicionais na luta pela liderança nacional, estavam confirmadas. O Café não era estranho a isso, sabia que era apenas um joguete no meio de todas aquelas

competições e deve ter acumulado, possivelmente, ressentimentos. Ele não era um homem que se destacasse pela sua generosidade ou pelo seu gesto. Era um acidente político.

W.P. – Mas Samuel, você, sem dúvida, é doutor em Getúlio Vargas, mas é, principalmente, doutor em jornalismo. Vamos agora retomar então, ou, aliás, tomar o fio dessa história: Samuel Wainer e o jornalismo brasileiro. Eventualmente, voltaremos a Getúlio.

S.W. – Mas o fio dessa história Samuel Wainer e o jornalismo brasileiro se caracteriza, principalmente, por histórias como esta, em que o jornalismo brasileiro... A minha participação no jornalismo brasileiro, eu a considero importante por ter feito da minha profissão o essencial, o fundamental, a base da minha vida; por ter sido, realmente, um puro jornalista; por ter procurado no jornalismo a satisfação de um talento natural que eu tinha – porque, no fundo, eu sou um autodidata, eu sou um homem de família pobre, de imigrantes pobres –; por ter feito do meu talento, que me deve ter ajudado, um ponto de partida para uma coisa fundamental para um jornalista. Porque é uma das raras profissões em que o talento só não basta. Você pode ser um talentoso cirurgião e só ser um talentoso cirurgião e ter habilidade nos dedos; você pode ser um talentoso chofer, saber segurar o volante. Agora, um jornalista, além de talento, precisa de muito trabalho, em primeiro lugar. Ele precisa de muita vivência. Ele tem que viver realmente a vida para poder transmiti-la. Porque o jornalista não é um criador de fatos; ele é um transmissor. Ele precisa saber ver. E saber ver, só vivendo. Muitas vezes, no mesmo lugar têm três pessoas, e acontece algo e só o jornalista vê. Então, na verdade, além do meu talento natural, a paixão pela profissão, que é fundamental em jornalismo. Tem que ser uma paixão como é a de um *boxer* que entra no ringue mesmo sabendo que vai apanhar e gosta do seu *métier*. Você pode entender isso? Pode-se entender um *boxer* que gosta de ser *boxer*? É a nossa...

W.P. – Mas Samuel, onde é que começa esse namoro do Samuel Wainer com o jornalismo – porque nós sabemos que começa com você muito jovem –, esse namoro que depois se confunde em romance eterno?

S.W. – É, não foi um amor, não. Foi uma... Bom, começa... Eu posso lhe dar detalhes biográficos rápidos porque você conhece. Começa na escola, na tentativa de fazer um jornal estudantil; começa na... Eu acho que na minha raça tem uma certa... Há uma coisa no judeu que leva ao jornalismo. Talvez venha da dispersão, das histórias que ouve em criança. Há qualquer coisa, porque a presença do judeu no jornalismo no mundo inteiro é impressionante. Teve o Reuter, e nos Estados Unidos, nem se fala, e nem se fala... Então, na minha formação familiar racial. Começou desde o dia em que eu era estudante, e que nunca mais, com raras exceções, foi cortado. Uma vez só, porque não dava para viver. Casei, tentei ser comerciante e não consegui – sou péssimo comerciante – e voltei ao jornalismo. Com uma circunstância importante que a minha geração sentiu depois e que resultou depois em grandes conflitos. Eu era filho de uma família de comerciantes. Eu devo ter também um instinto, da própria formação social em que eu vivia. Então, o meu talento de jornalista ligou-se à aventura, que você aprende quando você está perto da vida comercial. Eu não tinha medo do compromisso. Porque, geralmente, o jornalista é tímido. O que me levou a ser, então, mais do que um simples jornalista, mas um criador de jornal, que é realmente a minha grande satisfação.

Eu te confesso, quando eu fui convidado para a *Folha*, para ser comentarista, eu entrei com certa preocupação. Porque eu nunca fui comentarista. Eu era ou repórter ou editor. E era um excelente, um grande repórter, pela formação da minha vida, e editor, por ter viajado muito. Porque depois compreendi que era muito importante para o jornalista viajar. Compreendi a tal ponto que várias vezes interrompi a minha carreira para ir aprender...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

S.W. – ...que veio me preparando para ser um bom jornalista. E é o que eu aconselho a todas as pessoas com quem eu tenho mais proximidade ou mais estima: “Não confie apenas no seu talento de escrever”. Você tem um dom divino. Você pode ser um grande escritor, que, aliás, geralmente é mau jornalista. Porque o criador refaz, ele repassa a realidade. Eu tenho amigos meus, como o Jorge Amado, que são maravilhosos escritores, e o Jorge é um dos piores repórteres que se pode conhecer na vida. **[Inaudível]**.



Então, essa é a forma de conhecimento, que começou com a minha infância. Praticamente aos 12 ou 13 anos, eu já fazia jornalzinho no colégio. E depois, com muita audácia, com muita autoconfiança, que dá a ignorância e que dá a inocência, também. Eu aceitava. Eu aceitei ser editor de uma revista chamada *Revista Brasileira*, que saiu por um certo tempo, porque eu sabia que eu ia aprender um pouco de arte gráfica. Era a revista do Batista Pereira, que foi genro do Rui Barbosa. Gente de São Paulo. Mas tudo na audácia, para aprender.

W.P. – E o primeiro emprego como repórter, Samuel?

S.W. – É um problema curioso, porque, realmente, eu só fui empregado duas vezes na minha vida... Não, antes de começar a ser jornalista, eu trabalhei no *Diário de Notícias* uns três meses ou quatro, mas era... Naquele tempo, a estrutura do profissional era extremamente antiprofissional. Eu assinava umas coisinhas lá, um negócio relacionado com judeus, com raça, mas eu não tinha preparo nenhum. Mas foi no *Diário de Notícias*. Logo depois, fui convidado por um grupo, por esse Antônio Batista Pereira, que era um escritor, genro do Rui Barbosa, para secretariar a revista, e aí aceitei. Mas não era emprego também; era uma coisa mais ou menos esporádica. Não considero emprego, embora eu tivesse me dedicado àquilo. Eu tinha que viver nas condições mais modestas possíveis, mas aquilo para mim era aprender. Depois, um pequeno grupo de intelectuais de bom nível, que hoje são todos juízes, são todos... eles me convidaram para fazer uma revista democrática, e já estava em aberto frontalmente a luta entre integralismo e não integralismo, a luta entre fascismo e antifascismo. Chamou-se *Revista Contemporânea*. Saiu uns quatro meses, e até a edição era comprada por uma editora do Caio Prado e de um velho escritor paulista chamado Galeão Coutinho. Mas eu que comandava a operação. Eu já trazia uma experiência de vida que ajudava a compor, a fazer uma revista.

Logo em seguida, numa rápida interrupção na minha vida, porque eu me casei, eu... Deu-se a Revolução de 1935 – eu era muito moço, não participei dela, não tive nenhuma atuação política. Eu estava fascinado pela possibilidade de viver ao lado dos mitos da época, que era o Carlos Lacerda, Rubem Braga... Eu conheci um velho escritor, um dos velhos jornalistas mais... daquele grupo que comandou a imprensa brasileira da fundação da república até o fim da Primeira Guerra. Chama-se Azevedo

Amaral, conhecido nos meios jornalísticos clássicos, do tempo de João do Rio, Lima Barreto. Ele já estava cego, e ele me havia conhecido acidentalmente e me convidou para secretariar e fazer umas matérias e gostou e eu propus a ele fundar uma revista. E logo depois da instalação do Estado Novo saiu a *Diretrizes*.

Todos, naquele tempo, recebiam subvenção da Light. Era tradicional. Os velhos jornalistas conseguiam um conto ou dois contos por mês da Light. E ele arranjou na Light dois contos e saiu a revista chamada *Diretrizes*, que eu comecei. Eu assumi a secretária e os remanescentes, os que tinham sobrado do movimento de 1935, escritores como Rubem Braga, Álvaro Moreyra, Aníbal Machado, grandes tradições, eles se aproximaram. E dela nasceu, realmente... Hoje se chama imprensa alternativa. Lá não tinha imprensa alternativa porque os jornais eram todos oligárquicos. Foi o primeiro semanário brasileiro de tendência política com vinculação popular, com um toque popular.

Daí saíram repórteres que hoje fazem parte da história do Brasil: Justino Martins foi lançado em *Diretrizes*, com uma grande reportagem chamada “Como era verde o meu Brasil”, mandada pelo correio; Joel Silveira foi lançado em *Diretrizes*, com uma grande reportagem chamada “Os grã-finos de São Paulo”, que, aliás, saiu errado aqui, colocaram que foi no *Diário da Noite* e foi em *Diretrizes*; David Nasser, que já era um reporterzinho d’*O Globo*, se projetou em *Diretrizes*; o Edmar Morel... Porque, na verdade, eu considerava a reportagem a essência do jornalismo – porque era um jornalismo contido, de uma ditadura onde você não podia opinar. O repórter não precisa opinar, basta apontar. Então, ficou constatado inclusive, através de *Diretrizes*, que conseguiu viver sete anos, de 1938 a 1944, dentro de uma ditadura, fazendo uma revista antididatorial. Então, também está provado que quando você quer, quando você sabe escrever, quando você sabe exprimir as suas ideias, você consegue vencer a censura. E era uma censura prévia.

W.P. – Samuel, então, mais alguma coisa sobre a censura da época, até nos chegarmos em *Última Hora*.

S.W. – Fechando o capítulo. Bom, a censura... Portanto, quando *Diretrizes* saiu, eu já vinha um pouco preparado e, possivelmente, teria talento. Mas eu vinha com um grande

ímpeto. E depois, eu não estava marcado, porque eu não tinha participado de movimentos políticos. Eu era mais jovem que todos eles. Então, convivi... Os meus redatores eram: Gilberto Freyre, que você assistiu outro dia; era o Graciliano Ramos; era o José Lins do Rego; Jorge Amado; Rachel de Queiroz. Tem inclusive um livro comum escrito por eles em *Diretrizes* chamado *Brandão entre o mar e o amor*, assinado por José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e Aníbal Machado. *O ABC de Castro Alves* foi publicado em *Diretrizes*. Eu inventei uma série de truques. Eu revelei uma grande vocação. E me inspirando muito na imprensa americana. E aprendendo a lutar com a censura. Era uma questão de lutar com ela.

A censura era uma censura limitada, naquela época, uma censura rigorosíssima, mas que previa... Ela proibía os acontecimentos. Era proibido falar em Stalin. Mas Stalin existia. Então, acontecia algo ao lado de Stalin, eu dava aquilo que acontecia ao lado dele, sem falar nele. Eu usava os elementos que a censura havia esquecido, a tal ponto que chegou um dia que não era mais possível. A censura proibía, diariamente, dez, quinze assuntos e eu me lembrava do décimo sexto. Isso foi uma luta de sutilezas. E ao mesmo tempo, iam crescendo também as áreas de libertação.

Então, *Diretrizes* foi uma grande escola para o jornalismo brasileiro, e os que o conhecem sabem disso. O Gilberto Freyre, no almoço que nós fizemos ontem aqui na *Folha*, fez referência a esse fato. Havia a possibilidade de lutar contra a censura, a partir do momento que se criara uma linguagem [inaudível].

De *Diretrizes*... Foi a primeira vez que eu fui ser [inaudível]. O Assis Chateaubriand me convidou. Porque ele era considerado... Ele era o potentado. Era o dono, era o absoluto, o dominador da imprensa brasileira. E para nós, rapazes de esquerda, rapazes com posições ideológicas, ir trabalhar com o Chateaubriand era quase uma traição. Era quase uma traição. Mas eu aceitei. Primeiro porque eu queria conhecer por dentro uma grande imprensa, o ventre de uma grande imprensa, e porque ele me pagou um salário excelente para a época, uma coisa que não existia. Eu insisti... Eram 20 contos, que equivaleria hoje a 200 mil cruzeiros. Quebrou todos os padrões. Ele sabia, ele tinha um instinto, ele já tinha lido coisas minhas. Aí, entrei nos Diários Associados onde eu vi por dentro o chamado grande jornalismo independente. O Chateaubriand, é preciso não esquecer, foi um gênio da imprensa, mas ele sempre fez uma imprensa a favor da classe

dirigente, que é algo mais possível do que fazer uma imprensa ou em conflito com a classe dirigente ou independente dela. Mas ele realmente abriu grandes caminhos na imprensa brasileira, especialmente com a valorização do repórter. E lá é que eu comecei a me projetar cada vez mais como repórter. Eu queria ser editor, e ele queria que eu fosse repórter porque eu precisava dos elementos para isso.

E foi em consequência disso que se criou uma história que eu já contei várias vezes e que me parece que vale a pena deixá-la bem clara. Eu fui editor, nos Diários Associados, eu fui secretário de redação, fui repórter – redator, pouco, porque eu custei muito a aprender a escrever, e acho que a gente aprende a escrever só escrevendo muito. Mas o Chateaubriand jamais me mandou entrevistar o Getúlio. Há uma história que corre e que ele mesmo acabou se convencendo. Foi um acidente. O Chateaubriand me mandou ao Rio Grande fazer uma reportagem sobre o problema do trigo. Ele queria que eu provasse a impossibilidade de haver trigo no Brasil, por interesse, porque com isso ofenderia os interesses da Argentina, que deixaria de importar nosso mate. Enfim, é uma história longa. E eu não quis fazer a reportagem. Eu tentei sabotar a reportagem. Consegui fazê-la. Quando, por um acidente, eu estava em Bagé, no Rio Grande, e tinha um avião à minha disposição, um aviãozinho [Lite]<sup>5</sup>, com um fotógrafo à minha disposição e ia um rapaz local para me orientar naquelas fazendas de trigo, é que eu ouvi falar que o Getúlio estava ao lado. Era a duas horas dali. Então, resolvi tentar essa entrevista.

O Getúlio já não falava há dois anos, já não atendia ninguém. Ele, parece que não atendia os repórteres. E não só ia o repórter. O piloto desse aviãozinho pertencia ao chamado então movimento queremista, que era um movimento de *underground* pela volta de Getúlio, e que o país inteiro já estava contaminado e ninguém falava nele. E eu não sabia, porque tinha voltado da Europa – eu tinha passado dois anos lá. Então, eu insisti muito para visitar o Getúlio. Eles acharam que ele não me receberia, e eu então disse: “Não, vamos, de qualquer forma. Se ele me receber, fatalmente eu arranco dele uma reportagem e se ele não me receber, eu faço uma reportagem por que não me recebeu”. E, realmente, aí começou a minha relação com Getúlio, de onde nasceu a *Última Hora*.

---

<sup>5</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

Porque feita a campanha com o Getúlio, há um momento histórico, em que... Getúlio teve que convencer toda a estrutura social brasileira. A volta de Getúlio, ela não aceitou. A prova foi que [inaudível]. E quando nós partimos... Por sua vez, o Chateaubriand, quando sentiu o ousio das reportagens que eu fazia com o Getúlio – porque o Getúlio passou a me aceitar como o único repórter em que ele confiava –, então, a circulação do jornal estourou. Era uma coisa óbvia. Ele era o líder popular mais querido e mais amado do Brasil, então, era fácil. Como ele só recebia a mim, para mim, o Getúlio era uma boa matéria-prima jornalística.

Eu tinha combatido ele a vida inteira, mas nada tinha a ver com aquele outro Getúlio que voltava, como ele mesmo declarou, como líder de massas, e não mais como líder de partido. Para mim, o Getúlio era um grande assunto. Porque o fundamental na vida de um jornalista é o assunto. A vida de um jornalista se compõe do assunto. Se ele tem o assunto e o assunto se entrega a ele, ele deve tirar desse assunto as últimas consequências. O jornalista que mata o seu assunto é um médico que mata o seu paciente. E o Getúlio era um grande assunto. O que não impediu que depois acabássemos nos tornando amigos.

E a circulação dos jornais do Chateaubriand começou a estourar. Jornais como o *Diário da Noite*, que estavam para fechar, vendiam 200 mil exemplares. Então, eu passei a ser... realmente, a cobrir o Getúlio. E me deu, é evidente, uma compensação profissional imensa. Estive doente, cheguei até a estar internado em um sanatório, e saí do sanatório para continuar na cobertura. Consegui ficar bom. A minha garra de vida era tão grande, de não perder aquele assunto, que eu consegui ficar bom. Eu estava doente do pulmão e consegui ficar bom em 40 dias. Naquele tempo, levava anos.

Fiz a campanha do Getúlio no avião dele, sorvendo aquele pó de estrada do Nordeste, aquela terra calcinada – porque aquilo é Índia, aquilo é Paquistão –, eu saindo de um sanatório, para não perder o meu assunto. E quando terminou a campanha... Quer dizer, no curso da campanha, eu me lembro que uma vez eu disse ao Getúlio que seria difícil a campanha dele porque ele tinha contra ele toda a grande imprensa do Brasil e ela era unânime toda contra ele. E ele era muito orgulhoso, e ele se baseou em um fato que aconteceu com o Franklin Roosevelt, nos Estados Unidos, contra quem também a imprensa... Roosevelt foi eleito quatro vezes. Só que Roosevelt tinha, ao lado dele,

outros meios de comunicação que Getúlio não tinha. Ele tinha as televisões, rádio... Ele tinha todos. Todos os meios de informação de opinião, nos Estados Unidos, são muito pulverizados. Então, eu disse a Getúlio: “Olha, senador, a campanha vai ser dura, porque o senhor tem toda a grande imprensa contra si”. E ele disse: “Eu não preciso da imprensa para ganhar”. E eu, então, me parece que disse a ele: “Mas para perder, ela ajuda muito”. Ele achou aquilo uma piada.

Tomando posse, no dia 2 de fevereiro de 1951, ele [reúne]<sup>6</sup> o ministério no Palácio do Rio Negro, que era o palácio de residência de verão dos presidentes da República na época, e ninguém [da imprensa] compareceu. Nenhum grande jornal foi. Ao terminar a reunião, ele me convidou para jantar com a família e depois foi comigo... Isso é um fato histórico que agora eu estou revelando. Ele me perguntou: “Como foi aquela frase que tu disseste no avião?”. E eu lembrei: “Para [inaudível], ajuda”. Porque a imprensa estava concentrada na mão de quatro ou cinco famílias que eram oligárquicas e que comandavam o país e que iam estabelecer um silêncio em volta dele. E ele me fez a pergunta clássica: “Por que tu não fazes um jornal?”. [Inaudível] fazer um jornal. E que esse jornal que eu faria teria que ser um jornal que, competindo com a imprensa, a obrigasse a vir buscar a notícia junto. E foi o que aconteceu com a *Última Hora*. O resto são histórias conhecidas de lutas comerciais que não cabem aqui.

O jornal cumpriu o seu papel inicial, que foi o de provocar a competição pela notícia – sendo ele o assunto mais popular do país e sendo eu o único repórter que tinha acesso ao Palácio para ir buscar a notícia na frente dos outros. Criei uma seção que na época se tornou famosa, chamava-se “O dia do presidente”, que era mais ou menos baseada na primeira página do *Time Magazine* chamada “*The Administration*”. Nós tínhamos um repórter ao lado do presidente o dia inteiro, mas para humanizar a notícia dele. Porque as notícias vinham oficiais – era um resto de censura, o hábito da censura. Então, era uma frase de espírito que ele tinha dito naquele dia, a competição a que o ministro ia comparecer, ao lado da notícia. Tornou-se tão importante essa seção que deu um editorial do *Correio da Manhã*, que na época era uma consagração, chamava-se “O dia do presidente, essa nova instituição da imprensa brasileira”. Porque os jornais estrangeiros preferiam tirar a notícia de “O dia do presidente” do que da Agência Nacional.

---

<sup>6</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

Portanto, não foi assim... A *Última Hora* não foi criada acidentalmente. Ela ia sendo criada à medida que nós lançávamos novos fatores. E o Getúlio sentiu, no momento, que ele tinha um instrumento na mão. E existe hoje... Há poucos anos atrás foi publicado em *O Cruzeiro*, em uma reportagem até contra mim, violentamente contra mim, em que havia bilhetes de Getúlio Vargas, presidente da República, ao chefe da Casa Civil – Lourival Fontes, o seu chefe da Casa Civil, que depois o traiu –, em que ele recomendava: “Peça ao Wainer que trate menos de esportes e mais de carne”, a tal ponto ele começou a sentir a importância do instrumento para ele.

O ministro do Trabalho ou o ministro da Justiça ou o ministro da Fazenda que não cumpriam o seu papel... Eu crio um jornal com essa filosofia. Esse jornal não é um jornal de governo. Porque no Rio de Janeiro, um jornal do governo estava fatalmente condenado. É a cidade da oposição. Todo mundo era de oposição. Agora, era mais fácil para mim apoiar um governo popular como o Getúlio do que ficar em oposição à classe dirigente, que é muito mais difícil. É muito mais difícil você ficar em oposição ao Country Club ou ao Harmonia do que ficar em oposição a um líder popular. Isso ele entendeu. Eu senti que a popularidade do Getúlio me dava uma comunicação com todas as camadas sociais e a linha nacionalista me dava comunicação com a camada dirigente do novo empresariado brasileiro. Então, a *Última Hora* foi, realmente, o produto de uma imensa vivência jornalística e política. Não poderia ser diferente, se não tivesse vivência política. A grande força... Na *Última Hora*, tudo era política. Tudo tinha [fundo]<sup>7</sup> político.

A prova é o seguinte, que o Stanislaw Ponte Preta, que é um dos maiores humoristas da história do nosso país, que é o símbolo...

[FINAL DO ARQUIVO 1-B]

S.W. – A prova é o seguinte, que o Stanislaw Ponte Preta, que é um dos maiores humoristas da história do nosso país, que é o símbolo do grande humorismo da imprensa brasileira, ele é lembrado pelas suas *boutades* políticas. Sem falar em Apporelly, o Barão de Itararé, que foi o grande comentarista de política. A *Última Hora*

---

<sup>7</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

foi o jornal que fez da política, que é um dos poucos elementos em que o povo brasileiro ainda participava, o seu elemento essencial. Hoje em dia é o comportamento e outras coisas que eu não entendo muito o sentido.

A partir do momento em que a *Última Hora* teve esse êxito, fatalmente criou-se o conflito com a oligarquia tradicional e eu fui liquidado. Mas levou muito tempo. Foi uma longa luta. Foi uma longa luta, ninguém percebe, que levou mais de 20 anos. Eu cheguei a ficar supersticioso. Porque quando eu criei a *Última Hora*, o que eu era? Um simples repórter de sucesso, de sucesso pessoal e sucesso jornalístico. Três anos e meio depois, morre o fundador desse jornal: Getúlio. Porque foi um jornal que foi lançado com um editorial do presidente da República na primeira página, assinado, uma carta que o Getúlio me dirigiu. Eu devia ter imergido naquele mar de sangue. E sobrevivi. **[Inaudível]**.

Vem o período do Café Filho, que foi... Voltando, o Café tinha entregue o governo de Getúlio aos seus piores inimigos, que eram meus atuais inimigos e que tinham conseguido desmontar todo o sistema político do Getúlio e não conseguiam atingir e fechar a *Última Hora*. Tem episódios históricos narrados de exigências frontais do chefe da Casa Militar do Café Filho, que era o Juarez, exigindo o fechamento da *Última Hora* e ele não conseguia fechar, pela força popular do jornal. O jornal foi o único que circulou no Rio de Janeiro no dia da morte do Getúlio. O povo não deixou nenhum outro jornal circular. Foram 800 mil exemplares. Era a força do jornal, a sua vinculação com as suas forças populares, com as fontes que nela confiavam. E o jornal precisa... tem que ter, essencialmente, o leitor, o leitor que confie nele. Daí o risco de o jornal enganar. Eles confiavam. Nós éramos o Getúlio.

Ultrapassa a fase do Café Filho e vem o golpe de Estado de 1955. Juscelino assume e eu sou o único jornal a apoiar o Juscelino inicialmente, com as loucuras que representou o começo do governo do Juscelino, com os golpes da Aeronáutica, [em Jacareacanga e] em Aragarças, com o Lacerda lançando na rua as massas contra Juscelino e nós apoiando Brasília. Sobrevivemos a Juscelino.

Não apoiamos o Jânio. Eu não apoiei o Jânio. Nunca acreditei no Jânio como dirigente. Ele podia me ter liquidado. Sobrevivemos à renúncia do Jânio e, mais ainda,



sobrevivemos ao governo do Jango, que foram dois anos e meio em que todo dia, depois que...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

S.W. – ...quase três. Cai o Jango e eu considero o fim. Porque não foi o Jango que caiu, caiu o sistema todo. Porque a *Última Hora*, que nunca deixou [inaudível]. Eu sou exilado, passo cinco anos e, quando volto, ainda o jornal principal do Rio tinha sobrevivido. A conclusão que eu tirei é uma só: o instrumento que eu havia criado era melhor que a mensagem, ele era mais forte.

Então, o jornal tem que ser, antes de mais nada, um bom jornal. Porque foi isso. Porque senão eu não ficaria... Eu fiquei, até certo ponto, honestamente, desconfiado: “Não é possível! Eu devia ter sumido, desaparecido”. Não. É porque o jornal era bom. Eu aperfeiçoei a técnica, eu trouxe o diagramador, eu criei a valorização do repórter, eu criei a valorização do fotógrafo, eu criei a valorização da cobertura de massa, enfim, uma série de coisas, que não eu criei... Quando eu digo “eu”, é porque eu represento toda uma equipe que eu posso te dizer os nomes: a ideia foi do Etcheverry, a ideia foi do [Edmar Morel]<sup>8</sup>... Elas vinham a mim e passavam.

Eu realmente acho que foi a vocação jornalística que me fez isso. E a minha conclusão é esta: o fator fundamental e importante de um jornal é, antes de mais nada, ser um excelente jornal, bem feito tecnicamente. Não importa a técnica. O *Le Monde* é um jornal feio, mas é uma técnica *Le Monde*, e a técnica *Le Monde* mudou a imprensa brasileira. E, entretanto, é um jornal feíssimo. Mas não é igual a nenhum outro jornal.

W.P. – Nenhum outro é igual a ele.

S.W. – Nenhum outro é igual a ele. Então, essa é a resposta que eu te dou: da minha experiência jornalística, a principal, dentre as diversas coisas que você depois vai retirar daqui, entre elas, a confiança, conseguir a confiança da sua fonte e jamais pô-la em risco, e não abusar dela, também, e muitas vezes, até orientá-la.

---

<sup>8</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

Se você fizer um jornal, procure fazer um bom instrumento, tecnicamente perfeito, acessível. Já não há mais muita fórmula, porque o *offset*, agora, facilitou muito a composição. Mas existem. A valorização individual do jornalista é importantíssima. Só no Brasil... é dos poucos países em que o jornal é de alguém: o jornal é do Roberto, o jornal é do Julinho... Se você perguntar, nos Estados Unidos, a 90% dos americanos de quem é o *New York Times*, ele não vai dizer que é do Ochs. Ele nem sabe. Ele lá sabe quem é o [inaudível]?

Então, o jornal tem que ser a equipe: nesse jornal, escrevem fulano, fulano e fulano. Foi o grande [inaudível] da *Última Hora*, que lançou quem? Sérgio Porto, Nelson Rodrigues, João Saldanha, Paulo Francis, Adalgisa Nery... [Inaudível]. Aqui em São Paulo mesmo... E o que era muito importante: também, a direção não competia com a sua equipe. Ao contrário, a valorização... Porque na época era uma mentalidade um pouco ainda muito mercantilista, a valorização do jornalista representava a valorização do salário. Então, era preciso desvalorizar o jornalista, para não valorizar o salário. Então, ninguém assinava matérias e tudo isso. Isso são detalhes que tem, aliás, em um estudo que eu estou fazendo sobre isso.

Para terminar... O problema é esse, é que nós partimos de um ponto e eu quero fechar... Como é que você quer fechar? Voltamos ao Café?

W.P. – Eu creio que se houver referência ao Café, ao problema político, algo que você eventualmente tenha esquecido, nós podemos encerrar...

S.W. – Na verdade, então... Toda essa volta que seria a minha história e que eu... A partir do momento em que eu senti que o relacionamento de Getúlio com o Café Filho ia resultar nessa tragédia toda, eu sempre me fixei em um fato: até que ponto o meu jornal teve influência nisso tudo? Porque o Café Filho, um dos pontos essenciais para revelar a sua outra imagem – antigetulista, antipopular e nacionalista –, ele teve que se atirar contra a *Última Hora*. Isso o debilitou, possivelmente, não só o tornou alvo fácil da sua derrubada como o fez sumir da história. Foi um dos elementos. O outro elemento: o jornal, e que também está vinculado indiretamente ao episódio do Café, o jornal pode influir, quando ele leva um acontecimento ao jornal antes que o mesmo se torne um assunto jornalístico, quando ele sente que pode vir a ser um assunto jornalístico.

Então, houve um episódio que talvez marque o final do nosso depoimento. Na luta entre Adhemar e Getúlio pela presidência, a classe dirigente queria um militar na presidência, que era o general Canrobert Pereira da Costa, então ministro da Guerra. Para que ele pudesse se tornar candidato, era preciso que o Adhemar se desincompatibilizasse, segundo o plano deles, viesse a disputar com o Getúlio e dividisse as forças populares. Desincompatibilizado e estando já sem a cobertura das genialidades, seria fácil neutralizar o Adhemar e levá-lo a renunciar à sua candidatura e apoiar o Canrobert, e teria então um candidato popular, com o apoio popular na luta contra o Getúlio e Getúlio, provavelmente, não seria candidato. Esse era o esquema, que foi perturbado naquela noite, com aquele acordo. O Adhemar não aceitou.

Aproximou-se então o dia fatal em que o Adhemar deveria anunciar ao país... Aí entra o meu faro de jornalista. É muito importante o jornalista parar para pensar algumas vezes, antes de se atirar no fato. O Adhemar... No dia 2 de abril de 1950, o país inteiro ficou esperando porque, pela *Hora do Brasil*, pouco depois da *Hora do Brasil*, o Adhemar ia anunciar se ele ia ser candidato a presidente ou se não ia ser candidato. Ele já tinha feito o acordo com o Getúlio. E com uma imensa capacidade histriônica... O Adhemar tinha um senso de humor extraordinário que ele talvez nem soubesse. O Adhemar era, realmente, um homem de um extraordinário senso de humor. Ele convocou a imprensa do país inteiro para ouvir o discurso que ele ia pronunciar na rádio. Ele disse à imprensa que tinha dois discursos, um em cada bolso: em um, ele se desincompatibilizava e no outro, ele permaneceria, mas que ele só ia revelar àquela hora, às oito horas.

Eu estava no Rio de Janeiro e os meus companheiros, especialmente os meus competidores na época, que era o David Nasser, uma pessoa com quem eu não tenho nenhum apreço, era o Jean Manzon, todos vieram para São Paulo para assistir o discurso. Não tinha nenhuma importância. Eu podia ficar em casa, ouvindo pelo rádio. Eu pensei: “Só há uma pessoa que hoje **[inaudível]**, se o Adhemar for candidato ou não for candidato, é o ministro da Guerra, é o Canrobert”. Porque ele estava à espera. Segundo nós, os intérpretes **[inaudível]**. Sabíamos que se o Adhemar se desincompatibilizasse – o Getúlio tinha se comprometido com ele –, se saísse, logo depois eles desencadeariam um processo de reação em cima do Adhemar, eliminariam o

Adhemar e o Adhemar iria... Quer dizer, [inaudível], mas se não ia para a cadeia, teria que apoiar.

Então, simplesmente, enquanto toda a reportagem se dirigiu para São Paulo, eu digo: “Eu vou à casa do ministro da Guerra, para ver a reação dele”. Eu fui sozinho. Eu tinha acesso. É outra coisa importante no curso da tua carreira: você ter acesso. A fonte tem que te receber. Porque se não te receber, você não tem... Precisa aconselhar os repórteres a cultivarem... Não existe o fato de precisar invadir a casa de ninguém. Eu fui à casa do ministro, ele me recebeu na hora do jantar e eu pedi licença para ficar com ele assistindo à transmissão do discurso. E assisti e foi uma cena histórica, porque eu percebi que ele também não estava certo ainda de qual atitude que o Adhemar tomaria. Quando o Adhemar terminou, declarando que continuaria no governo e não se candidataria a presidente da República, o Canrobert, que era um ministro extremamente simpático e cordial, soltou um daqueles clássicos palavrões brasileiros e viu que a sua carreira política estava comprometida. E foi quando eu aproveitei para pedir uma entrevista, e dela saiu uma famosa declaração que não se podia esperar dele. Ele estava tão desapontado com todo aquele movimento político, e ele era um homem inocente, um homem que [inaudível] foi envolvido, que ele fez uma famosa declaração: “Quem for eleito tomará posse. O Exército é o fiador da democracia”.

No dia seguinte, esta entrevista causou um tal impacto que também o famoso *Correio da Manhã*, que na época era realmente o jornal que decidia, faz um editorial: “O fiador”. Eu tinha conseguido um furo e tinha conseguido prestar um serviço, ao mesmo tempo, ao meu material. Estava eliminada a possibilidade, naquele momento, de uma traição imediata do Café, de uma volta do Adhemar, porque o Exército tinha tomado posição pela posse de quem fosse eleito.

Passam-se os meses, Getúlio é eleito com uma imensa maioria e a UDN, como sempre, em toda manobra, tenta contestar a sua vitória, criando a tese de que ele só poderia tomar posse por maioria absoluta. A Constituição não estabelece isso, só estabelece maioria simples. Eu sou solicitado pela Alzira Vargas e João Neves... Eu queria descansar. Eu tinha feito uma campanha e tinha terminado a campanha. Sou solicitado para ir à Fazenda de São Pedro, que era a fazenda do Batista Luzardo, um personagem famoso da história do Rio Grande, tentar fazer com Getúlio uma entrevista para

amortecer a reação contra ele de todas as formas, para reduzir o impacto do não tomar posse. Então, já não era mais uma entrevista. Eu já ia prestar um serviço.

Fui à Fazenda de São Pedro, Getúlio já estava com um milhão de votos na frente, jornalistas de toda parte, de todo país, da Argentina...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

S.W. – Todos estavam ali ansiosos pelas primeiras declarações do presidente eleito. E eu dei ao Getúlio uma carta da Alzira Vargas e do João Neves da Fontoura relatando a ele a situação de que o movimento contra a posse estava tomando grandes proporções, a UDN estava conspirando por tudo quanto era lado – todo mundo conhece isso, é um fato histórico – e que tinham pedido a mim que conseguisse com ele umas declarações que amortecessem os riscos da sua candidatura, que amortecessem a oposição americana à sua candidatura. Mas havia muita gente na fazenda. Estava cheia. Então, o Getúlio me disse: “Tu conheces o meu pensamento, senta num canto, escreve a entrevista e depois me leia”, porque eu tinha que voltar no dia seguinte de manhã. A entrevista teria que ser publicada em cima do fato. “E se precisar acrescentar alguma coisa, eu acrescento, porque eu não posso...” Ele estava atendendo emissários do mundo inteiro.

Eu fui para uma sala de um capataz no fundo da fazenda, peguei alguns discursos do Getúlio da campanha e outros de que eu me lembrava e fiz uma entrevista de 20 laudas, dialogada, chamada “O motorama”, em que ele expunha... Mas eu não [inaudível] uma palavra, eu apenas retirara a parte construtiva, aquela que dava a ideia que ele pretendia fazer um governo democrático, um governo de construção nacional, um governo de unidade, um governo pan-americanista, tudo aquilo que fosse possível. E na entrevista eu citei vários fatos.

À noite, às dez da noite, nos reunimos eu, ele e Jango, sozinhos, quando ele ia se deitar, e eu li a entrevista para o Getúlio, que, aliás, não interrompeu uma vez, só em um momento, quando eu fiz referência à entrevista do Canrobert, em que ele, *soi-disant*, dizia, entre aspas: O ilustre general Canrobert Pereira da Costa, ministro da Guerra,

chefe das nossas gloriosas Forças Armadas, já declarou que o Exército é fiador da democracia. Foi a única emenda que ele fez. Você vê a ligação?

Ao terminar a entrevista de 20 laudas, ele deitou na cama e eu disse: “Bem presidente, eu vou ter que embarcar amanhã. Tem mais alguma coisa a acrescentar?”. E ele, muito sorridente, disse: “A entrevista está boa. Ela está boa por dois motivos...”. Ele me chamava de Profeta, porque eu tinha acertado, então, ficou famoso esse apelido, o Profeta, com que ele me tratava em todo lado. Saiu no *Times* isso tudo. “Olha, Profeta, a entrevista está boa por dois motivos: primeiro porque tu botaste nela tudo que eu disse e depois, porque tu botaste tudo que eu não disse”, e deu uma grande risada de satisfação.

A entrevista saiu no *Diário da Noite*, na primeira página, e deve ter sido um fator definitivo da posse de Getúlio. Ela causou, na ocasião, entre alguns jornalistas amigos meus, amigos de convivência, gente de convivência, uma reação como se eu tivesse furado ou eu tivesse quebrado um pacto. Porque havia tanto jornalista presente que não seria justo que, realmente, eu fosse o único a trazer a entrevista exclusiva. Eu não vou dar os nomes aqui porque não tem importância, gente com quem até eu rompi relações, porque eles deviam ter entendido que ali eu já não era mais o jornalista, eu já era um emissário, associado ao trabalho de jornalista, e que aquilo não era um furo, aquilo era uma mensagem. Mas é tão difícil separar, num certo momento, a missão do jornalista da missão do mensageiro que eu, em vez de ter sido exaltado por ter dado um grande furo, fui atacado. Mas isso eu entendi e perdoei.

[FINAL DO DEPOIMENTO]